

Na companhia do além



A cidade é nova,
da década de 1960.

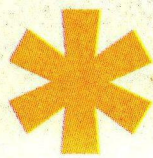
Mas já tem seus fantasmas.

No Teatro Nacional, há a Dama de Branco; no Cemitério Campo da Esperança, a estranha Galega

CECILIA PINTO COELHO

A pesar da pouca idade, a cidade modernista coleciona histórias dignas de filmes de assombração em vilarejos medievais. Não são poucos os brasilienses, sobretudo aqueles que trabalham à noite, que já ficaram cara a cara com fantasmas. Almas do outro mundo já consagradas, como a Dama de Branco, que habita o Teatro Nacional, ou a Passageira da Asa Norte, que perambula pelo cemitério, se tornaram lendas conhecidas na boca do povo.

O jardineiro, o vigia ou as moças que trabalham com a lapidação de túmulos, todos guardam inúmeras histórias de assombrações. Mas uma específica ronda o imaginário de quem trabalha no Campo da Esperança. Trata-se de uma jovem — apelidada de Galega —, que, ao sair do portão prin-



Francisco Oliveira viu, pela primeira, o vulto de um fantasma do Teatro Nacional, numa tarde de 1978

cipal do cemitério, entrou em um táxi e pediu para ser levada em casa, na Asa Norte.

Quando chegou ao destino, informou ao motorista que estava sem dinheiro e pediu que ele voltasse no dia seguinte. A história não teria nada demais, não fosse um pequeno detalhe: ao bater à porta no outro dia, o motorista não achou a moça. Ao descrever sua aparência para os moradores, eles, aos prantos, explicaram que se tratava da filha, morta em acidente de carro um ano antes. “O túmulo dela fica nesse cemitério... Se não me engano, é no 610, setor A”, conta o jardineiro Antônio Faria, conhecido como Chapisco.

Essa não é a única história do repertório dele. Há também a crença e as superstições alusivas a objetos dos mortos. “Uma cliente foi visitar o túmulo do pai, achou uma rosa linda e decidiu levá-la para casa”, conta. “Desde que essa flor foi para lá, tudo de ruim aconteceu



Um dia eu desci e o enxerguei (o fantasma). Mas não tenho medo. Se ficar, como vou trabalhar lá à noite?”

Domingas Cardoso dos Santos, 65 anos, camareira

na vida dela, a ponto de ela ter invocado um pai de santo, que a aconselhou a devolver”, completa.

Foi numa tarde, mais precisamente, às 15h. E há muito tempo, em 1978. Mas o cearense Francisco Rodrigues de Oliveira, 53 anos, ainda se lembra com detalhes do vulto que viu, sozinho, quando trabalhava como vigia no Teatro Nacional. “Estava no andar de baixo, no S1, entre as duas saídas de emergências, quando vi uma mulher alta com um vestido branco, as mãos meio penduradas. A única parte do rosto que dava para ver era uma metade de bochecha”, narra. “Ela passou por mim e eu fiquei com o cabelo arrepiado e com as pernas trêmulas. Depois desse dia, nunca mais a vi, mas ela apareceu para outros funcionários, e é famosa aqui no teatro”, completa.

A camareira Domingas Cardoso dos Santos, 65 anos, traba-



O jardineiro Antônio Faria conta a história da Galega, que entrou num táxi e pediu para deixá-la em casa, na Asa Norte

lha há 30 no teatro. Durante esse tempo, ouviu vários relatos de colegas que também avistaram a mulher de branco, entrando no elevador. “Eles viam uma mulher alta, de branco, mas ninguém sabe quem é”, diz.

Embora não tenha se depa-
rado com esse famoso vulto, a camareira já esteve de frente com outro fantasma no mesmo local onde um colega querido havia morrido. “Ele ia assistir a um espetáculo na Sala Martins Penna, caiu no fosso, bateu a cabeça e morreu”, lamenta a camareira Domingas.

“Depois disso, muitas bailarinas e funcionários o viram numa porta, sentado, sempre com a cabeça apoiada na mão. Um dia, eu desci e também o enxerguei, mas, após alguns segundos, ele sumiu; não fiquei com medo não. Se ficar, como faço para trabalhar lá à noite?”, questiona a funcionária.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press

Domingas dos Santos, camareira do Teatro Nacional: os fantasmas estão lá, sim

